

## REPATRIADOS DA ZÂMBIA

# PRIMEIROS 400 REFUGIADOS REGRESSARAM ONTEM AO PAÍS

● A cerimónia de recepção deste grupo teve lugar no posto fronteiriço de Cassacatiza, em Tete

Na ocasião, o director nacional do Núcleo de Apoio aos Refugiados, Fernando Fazenda, manifestou que o início do programa de repatriamento dos 18 mil refugiados moçambicanos na Zâmbia reveste-se de uma importância particular, num momento em que Moçambique se prepara para a realização das primeiras eleições democráticas e multipartidárias e numa altura que se materializam os programas de reconstrução nacional.

Os refugiados moçambicanos na Zâmbia são maioritariamente oriundos dos distritos de Chiúta, Chifunde, Marávia, Zumbo e Moatize, além de um pequeno grupo de outras regiões do país. Para efeitos de recepção dos refugiados moçambicanos na Zâmbia, segundo fontes do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, foram criados dois centros de trânsito no distrito de Chifunde, nomeadamente Luia a Sadzo, apetrechados de condições mínimas essenciais.

Tal como referiu o Governador de Tete, Cadmiel Mutemba, o regresso dos refugiados moçambicanos da Zâmbia constitui um marco importante no quadro das perspectivas de reconstrução nacional após 16 anos de guerra em Moçambique. Manifestou-se esperançado que a guerra em Moçambique jamais voltará a ter lugar.

Aparentemente comovidos, os primeiros 400 regressados da Zâmbia manifestaram-se esperançados quanto à possibilidade de poderem, finalmente, reiniciar uma vida em paz e segurança. Manifestaram-se igualmente satisfeitos por pisarem novamente o solo moçambicano. A operação de repatriamento dos 18 mil refugiados moçambicanos no aldeamento de Ukwimi, na Zâmbia, decorrerá, segundo as previsões, até finais de Setembro. Espera-se que, numa primeira fase, se realizem para o distrito de Chifunde três operações por semana. As próximas operações de repatriamento terão lugar terça e sexta-feiras próximas abrangendo aproximadamente 500 pessoas por operação.

O Vice-Ministro zambiano do Interior, Hosea Soko, disse que foi com fraternal agrado que o povo do seu país acolheu os moçambicanos providenciando, para a sua sobrevivência e bem-estar, espaços de terra para que pudessem, livremente, exercer a actividade agrícola para sustento próprio. «Ficamos encorajados com os esforços empreendidos pelos irmãos moçambicanos pelo desenvolvimento da actividade agrícola, a qual os zambianos se sentem orgulhosos».

Disse ainda aquele governante zambiano que com o fim da guerra em Moçambique chegou o momento dos moçambicanos reiniciarem uma vida em harmonia e paz para que todos façam parte de uma família única.

«Ao acolhermos os refugiados moçambicanos fizemo-lo acreditando na irmandade entre os nossos países. O pensamento foi correcto, mas na altura em que os refugiados regressam à sua pátria significa que eles não possam mais voltar à Zâmbia. As nossas portas foram e estão sempre abertas», disse Hosea Soko.

Conforme indicações do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, os refugiados moçambicanos na Zâmbia foram autorizados a regressar à pátria com os seus haveres e insumos adquiridos a partir das suas actividades de produção agrícola. Contrariamente ao que se verifica em certos países de asilo da região, como o Malawi, Zimbabwe e Suazilândia, os refugiados moçambicanos beneficiaram de espaços de terra para o seu sustento próprio em vez da dependência em bens humanitários. A Federação Mundial Luterana está envolvida na concessão de transporte de regresso dos refugiados moçambicanos na Zâmbia.

Na última reunião da comissão tripartida entre os governos moçambicano e zambiano e o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, que decorreu recentemente em Maputo, havia sido acordado que os refugiados moçambicanos venderiam os seus produtos agrícolas ao Programa Mundial de Alimentação (PMA). Os benefícios monetários reverteriam a seu favor de forma a permitir a sua rápida reintegração na sociedade.

Tal como disse o director nacional do Núcleo de Apoio aos Refugiados, Fernando Fazenda, o regresso à pátria dos refugiados moçambicanos constitui

prova de que o país se encontra engajado em toda uma actividade de reconstrução de forma que todos são chamados a tomar parte neste evento nacional e na escolha dos representantes fiéis que dirijam os destinos do país.

O próximo grupo de refugiados moçambicanos na Zâmbia regressa ao país na terça-feira em número de cerca

de 500 pessoas. Tal como nos foi dado a conhecer pelo ACNUR, a capacidade de recepção semanal dos moçambicanos na Zâmbia encontra-se sob controlo e a prestação da devida assistência básica foi já criada.

Anteriormente, haviam sido repatriados em finais do ano passado mais de três mil pessoas. A operação

teve de ser interrompida pelo facto de que muitos dos refugiados se encontravam envolvidos nas campanhas de produção agrícola.

Como referiu o representante do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados na Zâmbia, Abou Mussa, os moçambicanos que agora estão a ser voluntariamente repatriados podem, de facto, participar nas primeiras eleições democráticas. Disse que estão já praticamente estabelecidas as condições básicas para o processo de reintegração dos refugiados moçambicanos na Zâmbia.